DF-Invasão
005
Reportagem 0003

CIDADES

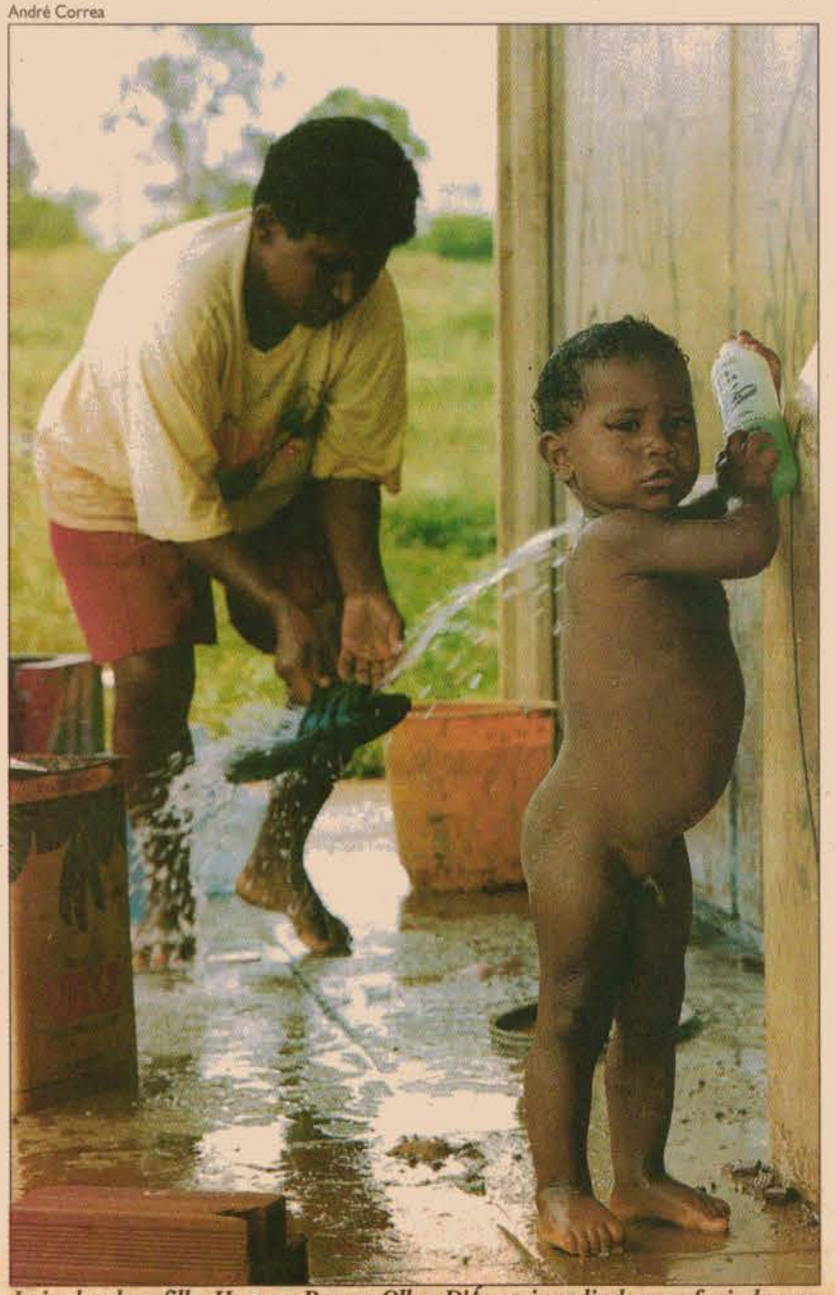
CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, segunda-feira, 26 de janeiro de 1998

Administração vai remover famílias que vieram em busca de esmolas no Natal e se instalaram em invasão na 214 Norte

TERRA DE MIGRANTES

André Correa



Luiza banha o filho Hugo no Parque Olhos D'Água: invadindo para fugir da seca

Hércules Barros
Da equipe do **Correio**

A fama atribuída a Brasília de terra prometida está cada vez mais difundida entre as populações carentes de outros estados. A ação dos invasores de terrenos desocupados obedece até uma rotina. No mês de dezembro, famílias inteiras começam a chegar em busca de doações de fim de ano. Muitas gostam das facilidades e resolvem ficar.

Na 214 Norte, que ainda não tem nenhum bloco residencial, há dez barracos improvisados feitos de papelão, restos de madeira, plástico e carpete. A maioria das instalações é do último Natal. Por ali moram sem nenhuma infra-estrutura cerca de 50 pessoas entre adultos e crianças.

O administrador de Brasília, Antônio Carlos de Andrade, anuncia para esta semana a operação de retirada dos favelados. As famílias serão encaminhadas para o abrigo do Centro de Assistência Social de Taguatinga (CAS), e depois ganharão passagens para voltar às cidades de origem.

O jornalista Renato Lima de Oliveira, morador da 216 Norte, conhece bem a realidade daquela invasão. "Não sou contra os invasores, mas o governo precisa agir. É preciso entrar em contato com as prefeituras dos municípios de onde estas pessoas são e procurar fazer um trabalho em conjunto para mantê-las por lá", sugere.

Renato afirma que já se dispôs a reunir os moradores das quadras 215, 216, 415, 416 Norte para criar um comitê de solidariedade. "Por duas vezes enviei um fax para a Administração de Brasília pedindo providências, mas os ocupantes do terreno continuam ali", afirma.

> "NÃO SOU CONTRA OS INVASORES, MAS O GOVERNO PRECISA AGIR. É PRECISO ENTRAR EM CONTATO COM AS PREFEITURAS DOS MUNICÍPIOS DE ONDE ESTAS PESSOAS SÃO E PROCURAR FAZER UM TRABALHO EM CONJUNTO PARA MANTÊ-LAS POR LÁ"
>
> Renato Lima de Oliveira
> morador da 216 Norte

ASSISTENCIALISMO

Renato informa que o assistencialismo da comunidade vizinha também contribui para a proliferação de barracos.

"Eles aparecem no final do ano para ganhar cesta de natal. Antes começavam a chegar em dezembro. Em novembro do ano passado, já havia famílias se instalando em diversos pontos estratégicos para receber doações dos moradores da Asa Norte e Lago Norte", revela.

O morador atribui o aumento de barracos na 214 norte à facilidade de uso, pelos invasores, das instalações na reserva ecológica do Parque Olhos D'água, na 413/414 Norte.

"As famílias usam uma torneira na guarita do parque onde lavam roupa, tomam banho e até asseiam cavalos", denuncia.

"Em relação ao uso do parque, as instalações passarão para o comando da Polícia Florestal. A Administração, em parceria com a Sematec, vai ampliar a guarita dando condições de funcionamento de um posto da polícia. A obra já está prevista no orçamento deste ano", garante o administrador.

ÊXODO

As origens são diversas, mas as procedências geralmente se concentram nas regiões baianas de Irecê e Barreiras. A invasora Luiza da Silva, 43 anos, é um exemplo de retirante. Nascida em Floresta do Navio, em Pernambuco, se criou em Brejo Santo, no Ceará, mas chegou a Brasília há quatro anos, vinda de Irecê.

Fugiu da seca juntamente com o marido, Expedito Agostino da Silva, e divide o barraco de 20 metros quadrados com cinco filhos. Além deles, duas filhas do casal também estão instaladas no local com as respectivas famílias.

"Pegamos carona com caminhoneiros, e como a gente não tinha dinheiro para comer, eles pagavam a comida das crianças, na estrada. A gente está sempre mudando de lugar. Há três meses vieram nos tirar daqui, os meninos chorando pediram para deixar a gente ficar porque estava chovendo", lembra Luiza.

A maioria dos favelados ganha dinheiro vigiando carros em estacionamentos da cidade, mas alguns catam papel, vidro e ferro-velho para vender.